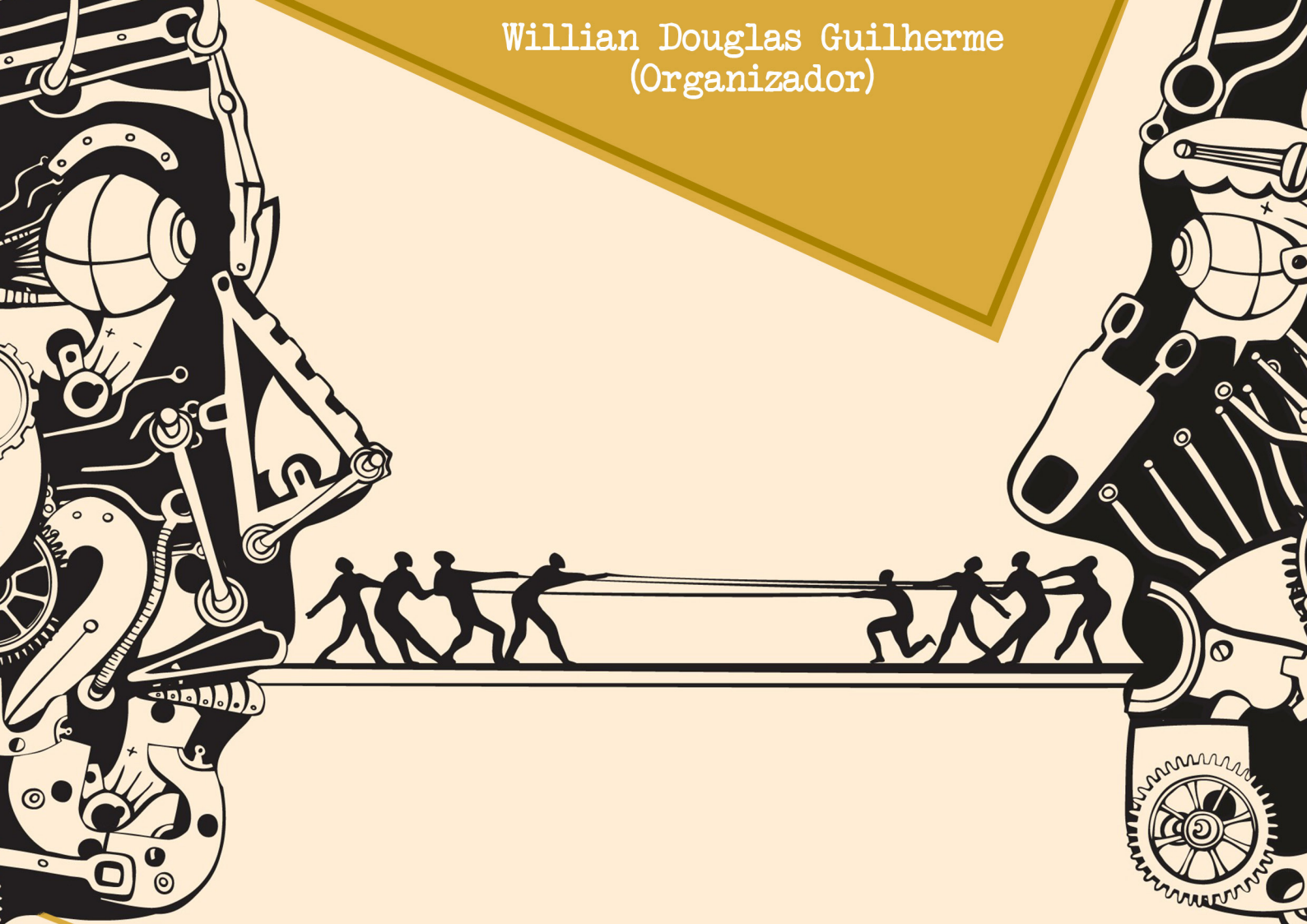


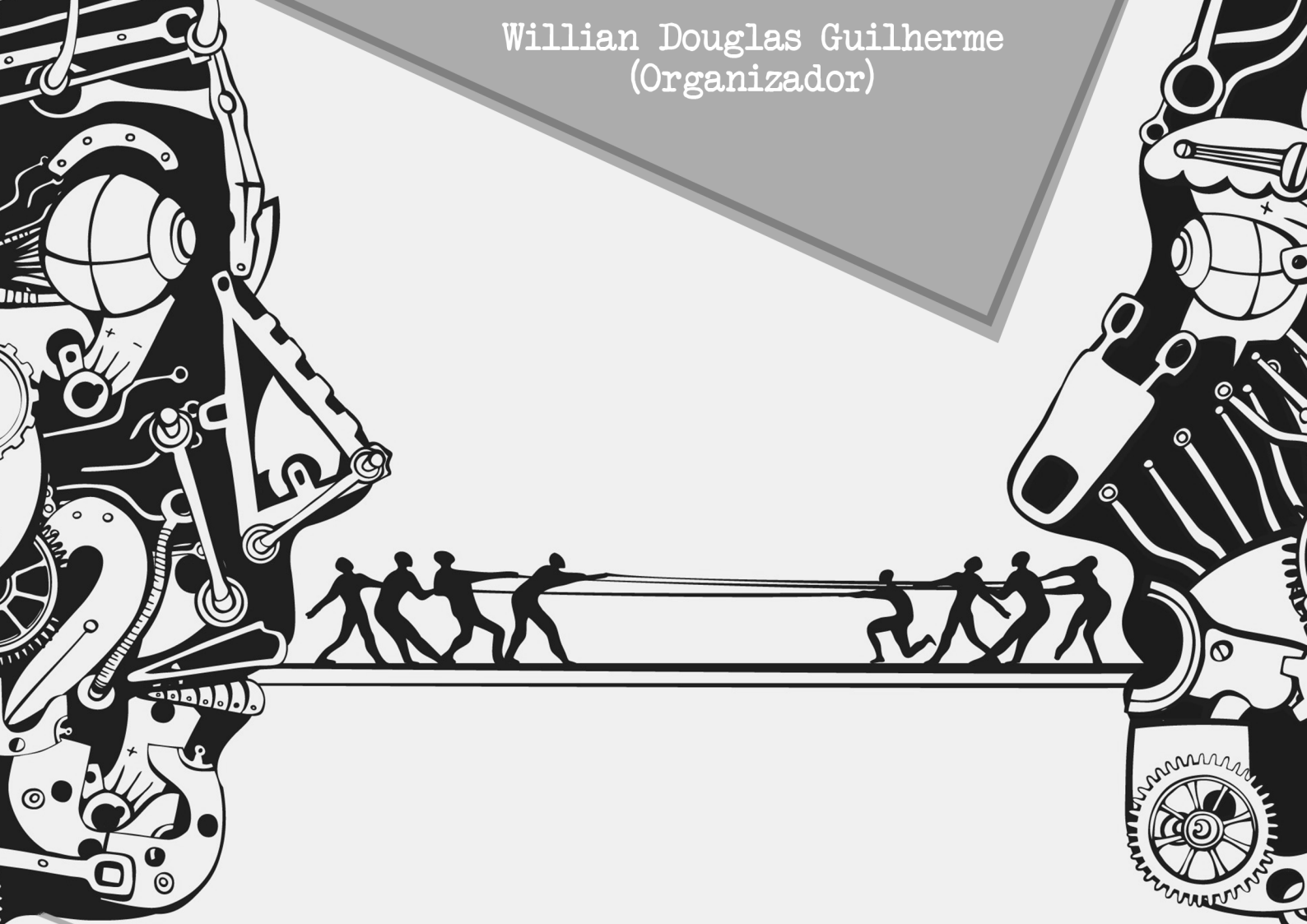
Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Filosofia: Aprender e Ensinar

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Filosofia: Aprender e Ensinar

 **Atena**
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F488	Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-683-6 DOI 10.22533/at.ed.836190710 1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 142.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Filosofia: Aprender e Ensinar” reúne 13 artigos de pesquisadores de diversos estados brasileiros. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da filosofia aplicada a educação.

Deste modo, a obra traz um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade na filosofia, ensino de filosofia, filosofia e a educação infantil, práticas inclusivas, fenomenologia e indústria cultural.

Vale a penas visitar o índice e percorrer os 13 artigos que nos convidam a um debate crítico e saudável na prática da filosofia e/em/na educação.

Entregamos ao leitor a obra “Filosofia: Aprender e Ensinar” na intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar, por meio do conhecimento e prática filosófica, com a construção de uma educação cada vez melhor.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DISPOSITIVO DO APRISIONAMENTO E O DISPOSITIVO DA INFÂNCIA	
Danyelen Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8361907101	
CAPÍTULO 2	11
A INTERDISCIPLINARIDADE NA FILOSOFIA: COMO TRABALHAR A CIÊNCIA DA ASTRONOMIA COM A FILOSOFIA PARA AUXILIAR NA REFLEXÃO SOBRE O EU	
Carlos Alexandre do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.8361907102	
CAPÍTULO 3	22
O ENSINO DE FILOSOFIA E O DES-COBRIMENTO DO OUTRO	
Gregory Rial	
DOI 10.22533/at.ed.8361907103	
CAPÍTULO 4	34
FILOSOFIA COM CRIANÇAS? AS ERRÂNCIAS DE UMA DISCIPLINA EXPERIÊNCIA	
Ana Paula da Rocha Silvares	
Edeny Gomes Furini	
Jair Miranda de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.8361907104	
CAPÍTULO 5	47
“FILOSOFIA COM CRIANÇAS”: POTENCIALIZANDO CURRÍCULOS E COTIDIANOS NAS ESCOLAS	
Cristiane Fatima Silveira	
Giovana Scareli	
DOI 10.22533/at.ed.8361907105	
CAPÍTULO 6	63
COM AS CRIANÇAS, O DELÍRIO DO VERBO: TECENDO DIÁLOGOS E POESIAS	
Ana Isabel Ferreira Magalhães	
Cristiana Callai de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8361907106	
CAPÍTULO 7	77
(DES)VELANDO E (RE)SIGNIFICANDO DE SENTIDOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR	
Ana Karyne Loureiro Furley	
Hiran Pinel	
Vera Lúcia de Oliveira	
Vitor Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8361907107	
CAPÍTULO 8	88
ATELIÊ DE ESCRILEITURAS CONATUS	
Josimara Wikboldt Schwantz	
Carla Gonçalves Rodrigues	
Ana Paula Freitas Margarites	

DOI 10.22533/at.ed.8361907108

CAPÍTULO 9	97
FAVELA E ONG – PRÁTICAS PARA ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA	
Renata Tavares da Silva Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.8361907109	
CAPÍTULO 10	110
A SUBJETIVIDADE COMANDADA E A JUSTIÇA INSTITUÍDA	
Márcia Bárbara Portella Belian	
DOI 10.22533/at.ed.83619071010	
CAPÍTULO 11	122
DEUS, JUSTIÇA E A LINGUAGEM DO AMOR ÉTICO EM EMMANUEL LÉVINAS E HERCULANO PIRES	
Rogério Luís da Rocha Seixas	
Edson Santos Pio Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.83619071011	
CAPÍTULO 12	132
FENOMENOLOGIA DO ROSTO EM EMMANUEL LEVINAS	
Abimael Francisco do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.83619071012	
CAPÍTULO 13	143
NOTAS PARA PENSAR A INDÚSTRIA CULTURAL NA ERA DIGITAL	
Deborah Christina Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.83619071013	
SOBRE O ORGANIZADOR	154
ÍNDICE REMISSIVO	155

O ENSINO DE FILOSOFIA E O DES-COBRIMENTO DO OUTRO

Gregory Rial

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Belo Horizonte – Minas Gerais

RESUMO: o presente artigo visa discutir as contribuições do ensino de Filosofia no processo de aceitação e diálogo com as alteridades. Partimos do princípio que o discurso de ódio tem gerado um contexto de fechamento e negação de tudo o que possa ser considerado “diferença”. Nesse sentido, a tarefa educacional vai em outra direção. Toda pedagogia é um exercício de diálogo e de saída na direção daquilo que é novo e inédito, e, portanto, a educação contribui na descoberta do Outro. O ensino da Filosofia mostra-se, portanto, como grande potencial neste processo de des-cobrir o outro, ou seja, de retirar as camadas de invisibilidade que depositamos sobre aqueles que são diferenças no sistema.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de ódio. Alteridade. Descobrimto. Didática. Filosofia.

THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND THE DISCOVERING OF THE OTHER

ABSTRACT: This article aims to discuss the contributions of Philosophy teaching in the process of acceptance and dialogue with alterities. We assume that hate speech has

generated a context of closure and denial of all that can be considered “difference.” In this sense, the educational task goes in another direction. Every pedagogy is an exercise of dialogue and an exit in the direction of what is new and unprecedented, and therefore education contributes to the discovery of the Other. The teaching of Philosophy, therefore, shows itself as a great potential in this process of uncovering the other, that is, of removing the layers of invisibility that we place on those who are differences inside the system.

KEYWORDS: Hate speech. Otherness. Discovery. Didactics. Philosophy.

1 | INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, temos observado o surgimento de discursos que tendem a se fechar ao Outro, ao diverso e ao diferente. São atos de fala que revelam uma mentalidade fundada na ideia de que a alteridade é uma ameaça – ameaça à ordem, à segurança, à moral e aos bons costumes. Este discurso – que aqui podemos nomear como discurso de ódio – esteve diretamente ligado ao processo político pelo qual a República Federativa do Brasil passou nos últimos três anos. A reação alérgica ao Outro foi a tônica que esteve por trás da grande violência institucional e

simbólica pela qual fomos e estamos sendo submetidos.

Na busca por aplacar os efeitos deste discurso que tende a encobrir o Outro e afirmar o Mesmo como única verdade possível, vislumbramos o papel da educação e, mais especificamente, o papel do ensino de Filosofia. Todo educador tem como trabalho libertar os seus educandos da prisão do senso comum, da ideologia de massa, da naturalização do mundo e, evidentemente, do lugar não autônomo da existência. Nesse sentido, o educador da área de Filosofia tem um papel singular, uma vez que pelo próprio teor de sua disciplina pode oferecer aos seus educandos meios de se posicionar criticamente na sociedade.

A presente pesquisa se deterá sobre como o ensino de filosofia pode contribuir para a neutralização do discurso de ódio presente na sociedade brasileira por meio do des-cobrimento do Outro. Inspiramos a grafia da palavra des-cobrimento com hífen no pensador argentino Enrique Dussel (1993) justamente para situar a transição de uma linguagem que “encobre” a alteridade para uma racionalidade que a “des-cobre”, a instaura e a reconhece.

Esta pesquisa seguirá um percurso teórico que passa, primeiramente, por um diagnóstico filosófico da situação do discurso de ódio no país e suas reverberações éticas no cotidiano social. Em seguida, propomos uma análise da educação como forma de recuperar a racionalidade ética em função da alteridade, o que nos concederá os elementos necessários para, num terceiro momento, argumentar sobre o papel do ensino de filosofia e, mais precisamente do educador desta área, como insuflador do pensamento crítico.

2 | O ENCOBRIMENTO DO OUTRO PELO DISCURSO: ÓDIO, IGNORÂNCIA E PENSAMENTO AUTORITÁRIO

A atmosfera psicopolítica que circula no Brasil toca a todos. Ninguém consegue ser indiferente ao momento que vivemos, seja pelo apelo político, seja pelos insucessos econômicos que vamos colecionando enquanto nação e que atingem as economias familiares, seja porque a todo instante estamos cercados de mídias que noticiam o que acontece. Entretanto, a imersão no cotidiano pode nos cegar quanto àquilo que subjaz os acontecimentos do dia-a-dia e que acaba moldando nossas emoções, reações e pensamento. Não podemos negar um fato humano: sempre existirá uma mentalidade estabelecida, um *Zeitgeist*, isto é, um espírito da época, um discurso que guia o que, coletivamente, pensamos, julgamos e fazemos. Contudo, quando o discurso começa a se modular pelas paixões e perde seu caráter crítico, e quando tal discurso utiliza de seu caráter performativo para manipular as consciências e produzir a violência numa sociedade, acabamos nos distanciando do ideal de uma sociedade verdadeiramente democrática.

O discurso de ódio é a categoria filosófica que, possivelmente, melhor explica o

que tem movido os alguns posicionamentos entre governantes e os cidadãos comuns. Nos últimos anos, observa-se seu crescimento no Brasil, não somente em textos de redes sociais ou vídeos da internet, mas, sobretudo no cotidiano. Tal discurso molda a personalidade dos cidadãos e influencia, diretamente, sua maneira de agir.

Mas, afinal, o que é o discurso de ódio e de onde ele vem? Por que ele se alastra e quais perigos ele traz para os cidadãos brasileiros? A princípio, vale recordar que o ódio é um afeto “que se expressa como intolerância, violência projetiva ou, no extremo, declaração de morte ao outro” (TIBURI, 2015, p. 32). Enquanto afeto, Tiburi recorda, que “podemos definir o ódio como uma emoção. Como algo passional. Daí a impressão, no âmbito de suas manifestações, de que ele seja um afeto primitivo e não cultural, que seja selvagem e não civilizado” (ibidem).

O discurso de ódio seria, portanto, toda a narrativa que agrega esta emoção como seu motor. O ódio no discurso justifica a violência da fala e das atitudes. Como se trata de um ato de fala que gira em torno de um afeto, o discurso de ódio tem um forte componente irracional e passional. Não é apenas uma retórica que se ouve e se esquece, mas trata-se de um discurso que inflama e contagia, porque lida com as situações de insegurança e medo do cotidiano. Considerando que “os afetos são aprendidos, são compartilhados entre as pessoas” (TIBURI, 2015, p. 33), pode-se vislumbrar o efeito social prático desse discurso no cotidiano da sociedade brasileira. Os discursos de ódio incitam violências muito reais, que transcendem o mero som das palavras, ou seja, que se tornam atos concretos, como é o caso dos recorrentes casos de racismo, LGBTfobia, misoginia e até mesmo feminicídio.

Tal nocividade do discurso de ódio se concretiza, portanto, como violência política. Se partirmos do pressuposto de que “a política define-se como experiência de linguagem e que a qualidade dessa experiência nos une ou nos separa, tornando-nos seres políticos ou antipolíticos” (TIBURI, 2015, p. 23), temos que a experiência linguística do discurso de ódio empobrece a experiência política democrática e inclusiva. Para Tiburi, “o autoritarismo é o sistema desse empobrecimento. Ele é o empobrecimento dos atos políticos pela interrupção do diálogo” (ibidem). E, então, cabe a inserção de um conceito político capaz de expressar o autoritarismo que o discurso de ódio propugna: o fascismo. O termo fascismo “é um amálgama de significantes, um ‘patrimônio’ de teorias, valores, princípios, estratégias e práticas à disposição dos governantes ou de lideranças de ocasião” (CASARA, 2015, p. 12). Desde Adorno (1950), compreendemos que o conceito “fascismo” ultrapassa sua materialização histórica e estende-se a nós na forma de um posicionamento, de práticas e opiniões que distorcem a realidade e pregam uma negação de tudo o que possa ser considerado “diferença” no sistema.

Este neofascismo que experimentamos nos tempos hodiernos destina seu ódio a alguém em específico: o Outro. A palavra *outro* é aqui evocada como metonímia de tudo aquilo que possa vir a questionar a soberania do pensamento do Mesmo. Nos termos do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas, o Mesmo corresponde

à identidade, ao egoísmo de uma subjetividade enclausurada em si e nos seus próprios interesses. No amplo contexto sócio-político do Brasil, pode-se afirmar que o discurso de ódio é a linguagem de um pensamento totalitário da Mesmidade que considera ameaça toda alteridade, ou seja, todo Outro que se lhe apresente na sua diferença e diversidade.

Desse ponto de vista, a mesmidade brasileira tem cor de pele – é branca; tem classe social – é rica; tem clara a direção dos seus afetos – é heteronormativa. Esta mesmidade não suporta, pela sua própria estrutura de construção do sentido, nada que seja negro, pobre ou não heteronormativo. Os primeiros destinatários do discurso de ódio, portanto, são essas alteridades sociais que não se enquadram nas categorias do Mesmo. Tiburi reconhece que

há um ódio barato vigente em nossa cultura. Ele é programado em direção aos pobres, aos tachados de loucos, às prostitutas, aos travestis, aos grupos de adolescentes que se vestem de modo inusitado ou pertencem a uma tribo que não a das roupas de marcas sempre aceitas e dos comportamentos estandardizados. (TIBURI, 2016, p. 67).

Uma das características do discurso de ódio e de seu decorrente fascismo é a desconfiança do conhecimento. O fascista “tem ódio de quem demonstra saber algo que afronte ou se revele capaz de abalar suas crenças” (CASARA, 2015, p. 13). Dessa forma, a ignorância ou a burrice, como atesta Tiburi (2016, p. 62), é fruto de uma “construção histórica da ignorância a qual nos acostumamos produzindo a consciência falsa de que as coisas não podem ser de outro modo” (TIBURI, 2016, p. 57). Para sustentar o pensamento fascista e o ódio, faz-se necessário garantir que as pessoas não entendam, não pensem e não reflitam sobre sua situação, que vivam numa bolha ideológica e se assegurem, pela violência dos argumentos, que nenhuma alteridade será capaz de entrar no jogo.

A burrice, então, se consolida nos indivíduos como “personalidade autoritária”. O sujeito autoritário mostra-se incapaz de autocrítica, do diálogo e da abertura ao outro. Resta-lhe subjugar a alteridade como objeto. O discurso de ódio é sua retórica: “ele engana, falsifica, a verdade não lhe importa; o grito, a força, o xingamento, a ordem, a ameaça configuram seu padrão de linguagem básico” (TIBURI, 2016, p. 63).

O discurso de ódio, em última análise, constitui uma intriga linguística que anula o outro e encobre a sua alteridade. Pela ofensa, pela violência das palavras, pela recusa à escuta, o discurso de ódio nega a possibilidade do diálogo e, portanto, nega a democracia, pois é apenas na democracia que se pode garantir às diferenças sua coexistência, o diálogo e a abertura ao outro.

A via possível para se recuperar o diálogo em meio ao crescente fascismo que emburrece e cega uma sociedade inteira é o conhecimento. A educação pode neutralizar os efeitos antissociais que o discurso de ódio tem causado na sociedade brasileira, abrindo a oportunidade para o diálogo e para a desconstrução dos atos de

fala preconceituosos e violentos.

3 | O DES-COBRIMENTO DO OUTRO PELA EDUCAÇÃO: RACIONALIDADE ÉTICA E CARÁTER DIALÓGICO DO ENSINO

O filósofo franco-lituano Emmanuel Levinas, conhecido como “filósofo da ética”, afirma que “a alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente Outro em relação a um termo” (LEVINAS, 2015, p. 22). Ou seja, para ele, a alteridade não pode sucumbir à tentativa de totalização ou compreensão, mas deve permanecer como diferença. Pensar a relação com as alteridades não poderá, jamais, coincidir com a tentativa de torná-las parte de uma única forma de pensar: há que se viver no pluralismo.

Logo, a problemática do Mesmo e do Outro exige uma relação ética na qual se conserve “a estranheza de Outrem – a sua irreducibilidade a mim, aos meus pensamentos e às minhas posses” (LEVINAS, 2015, p. 30). Ética, neste caso, seria muito mais que um mero conjunto de valores e normas, mas sim um evento fundamental do ser humano: a acolhida do Outro na sua alteridade. Logo, se o discurso de ódio encobre o Outro na tentativa de anular a diferença, a Ética é justamente o seu oposto: o acolhimento do Outro pelo Mesmo.

O Outro insere um questionamento na mesmidade, ou, no dizer de Levinas, uma impugnação do Mesmo pelo Outro. Para o filósofo, é este questionamento que consiste “a essência crítica do saber” (ibidem). Para Levinas, a linguagem ética procura não ser violenta à medida que evita contextualizar ou rotular o Outro ou ainda compreendê-lo num sistema. Toda tentativa de compreensão é uma forma de absorver o Outro no Mesmo. Por essa razão, a Ética oferece a possibilidade de uma nova racionalidade que toma a diferença não como um tema do discurso, mas como alteridade real. É como se eu não pudesse dizer nada *do* outro, apenas *para o outro*. Tudo o que é dito *sobre* outrem é violento. É preciso se dirigir a outrem, reconhecer-lhe seu valor e sua alteridade.

O outro mantém-se e confirma-se na sua heterogeneidade logo que é interpelado, quanto mais não seja para lhe dizer que não se lhe pode falar, para o catalogar como doente, para lhe anunciar a sua condenação à morte; ao mesmo tempo que apanhado, ferido, violentado, ele é “respeitado”. (LEVINAS, 2015, p. 58).

Levinas insiste que com o Outro não estabelecemos uma relação de conhecimento, mas de proximidade: uma relação ética. Dessa forma, pode-se perguntar: qual o papel da educação? Para Levinas, a educação necessita repensar-se a si mesma a partir das suas pretensões de objetividade. Segundo ele,

o nosso discurso pedagógico ou psicagógico é retórico, na posição daquele que usa de manha com seu próximo.[...] Aborda o Outro não de frente, mas de viés [...] e por isso que ela [a retórica] é violência por excelência, ou seja, injustiça [...]. Renunciar à psicagogia, à demagogia, à pedagogia que a retórica comporta é abordar outrem de frente, num verdadeiro discurso (LEVINAS, 2015, p. 59).

A proposta pedagógica da alteridade é que o Outro seja mestre do Eu não porque lhe faça exprimir algo que já esteja em si, como na maiêutica socrática, mas por que “reconhecemos a linguagem que só se produz no frente à frente; e na linguagem reconhecemos o ensino” (LEVINAS, 2015, p. 291). Dessa forma, a pedagogia consiste numa forma de deixar que a alteridade do outro ser humano toque, afete e incomode o sujeito, para que ele aprenda do Outro a lição do amor e da diversidade.

A transição de uma pedagogia do mesmo para uma pedagogia da alteridade é o que permite questionar, desde o mais profundo, o discurso de ódio. As tramas linguísticas que fecham a relação com Outro são superadas à medida que o trabalho educativo proporciona que as diferenças dialoguem. A instituição escolar pode ser compreendida como mediadora deste diálogo.

A educação desmistificaria, assim, a alteridade e dissiparia a paranoia e o medo alérgico do Outro que habita o neofascismo. A educação mostra que existe diversidade e que existe pluralidade, e que nem sempre o discurso científico será capaz de açambarcar todas as diferenças. A educação permite-nos ver no Outro um mestre, de quem sempre a algo aprender, ainda que seja a hospitalidade e a acolhida ao que difere da minha forma de ver o mundo.

É evidente que a educação precisa superar algumas barreiras internas a fim de se instaurar a racionalidade ética, começando por desfazer-se da pretensão de um saber objetivo, despir-se dos papéis de Mestre-discípulo e colocar-se à escuta do Outro enquanto outro. Educar não seria mais uma tarefa de transmissão de conteúdos, mas de treinamento dos ouvidos para ouvir a sabedoria que vem de Outrem, de descolonização do olhar para acolher o outro na sua alteridade, de exercício da sabedoria que vem do amor, único antídoto para combater o ódio.

A Ética da alteridade que inspira a educação não seria, então, um discurso que se contrapõe ao discurso de ódio. A Ética não é um discurso, mas o evento da acolhida do Outro. Apenas a educação para a ética pode livrar o Brasil da barbárie e preparar um futuro que combata, de frente, a opressão fascista, seja porque a educação nos livra da burrice, seja porque educar já uma tarefa ética – já é diálogo, proximidade entre sujeito e alteridade em relação.

4 | O ENSINO DA FILOSOFIA E O DES-COBRIMENTO DO OUTRO

Resta ainda questionar como a escola de educação básica e, mais precisamente, a disciplina de Filosofia, pode colaborar para tal des-cobrimto do outro. A investigação prosseguirá, portanto, elucidando os principais contributos da Filosofia, sobretudo no Ensino Médio, para a consolidação do diálogo, da abertura e da democracia e o papel do professor desta disciplina.

O primeiro argumento é inerente à própria Filosofia enquanto tal. Sabe-se que a filosofia nasce do espanto enquanto “capacidade de estranhamento de um

acontecimento não explicado racionalmente” (HORN; ARAÚJO, 2009, p. 27). Sendo assim, a escola pode ser um espaço “onde professor e aluno exercitam dialeticamente sua racionalidade no sentido de interrogar-se, descobrir e conhecer as causas e o sentido das coisas” (HORN; ARAUJO, 2009, p. 28).

Pelo seu caráter questionador, a Filosofia já se mostra capaz de por em cheque as estruturas do discurso de ódio e desconstruí-lo. No entanto, a Filosofia pode mais. Enquanto disciplina acadêmica pode oferecer aos alunos o instrumental teórico necessário para compreender os contextos históricos e epistemológicos no qual o discurso de ódio se funda. A tarefa do professor ultrapassaria a mera explicação de conceitos filosóficos, mas seria um provocador para que seus alunos apliquem tais conceitos à realidade que vivem. Seria a oportunidade de trabalhar a percepção sócio-política dos alunos bem como a oportunidade de visualizar as múltiplas opiniões sobre um assunto.

Para que isso efetivamente aconteça, é preciso transformar a aula de filosofia numa experiência filosófica. Segundo Aspis (2004, p. 310):

As aulas de filosofia, como lugar da experiência filosófica, têm como objetivo oferecer critérios filosóficos para o aluno julgar a realidade por meio da prática do questionamento filosófico e da construção de conceitos, por meio do exercício da criatividade e avaliação filosóficas. Assim, além dos critérios e do modo de pensar da indústria, do consumismo ou da mídia, além dos critérios e do modo de pensar da tradição e da ciência, o aluno passará a dispor dos critérios e do modo de pensar da filosofia para compor seu pensamento de forma autônoma, pois autoconsciente e, portanto, metacognitivo.

O objetivo de uma aula de Filosofia, a partir do que Aspis escreve, é o desenvolvimento do senso crítico pelo exercício da crítica. Um aluno que se exercita na crítica – e por consequência, na auto-crítica – deixa de ser um repetidor de informações e pensa por si mesmo. Este aluno já interrompe o ciclo vicioso de medo-insegurança-fechamento.

Outro aspecto a ser considerado na disciplina de Filosofia é a possibilidade da reconstrução existencial das identidades dos alunos. A fragmentação das personalidades provocada pela pós-modernidade gera insegurança e pode estar associada à procura de discursos fortes, como é o caso do discurso neofascista do século XXI. Diante da falência dos projetos pessoais, diante da experiência da fragilidade, muitos se refugiam na afirmação do próprio eu à custa da alteridade, como este lugar argumentativo oferecesse alguma segurança. É o medo do diálogo não por que o outro representa uma ameaça real, mas porque existe uma insegurança interna do próprio sujeito.

A Filosofia, contudo, é uma jornada em busca também de si mesmo, que move ao autoquestionamento e ao autoconhecimento. Muitos jovens e adolescentes sentem-se sentenciados pela sociedade a uma vida sem sentido, sem sonhos, sem possibilidades maiores. Para eles, a filosofia pode representar a devolução da sua subjetividade, ao recobrem a capacidade de pensar por si mesmos. A devolução

da subjetividade neste caso, ao contrário do que se poderia pensar, não consiste num retorno ao Mesmo, numa afirmação das identidades, mas numa subjetividade que, ao ser reentregue ao indivíduo, já está investida da ética.

O que se pretende dizer é que pelo ensino da Filosofia numa escola, por exemplo, um aluno que antes se sentia como marionete do senso comum, guiado não por seus princípios, mas pelo medo e pela insegurança, ao receber o poder de pensar por si próprio, desfaz-se das suas inseguranças e pode questionar a realidade que o circunda. No poder da crítica filosófica, crítica que pensa antes de emitir juízo, já está embutida a responsabilidade pelo Outro. Pode-se até criticar o Outro, mas jamais anular sua alteridade. O pensamento crítico autêntico não exclui a diferença, mas se deixa interpelar por ela.

Neste processo, deve-se levar em conta o eminente papel do educador/professor de Filosofia. A princípio, o professor de Filosofia deve ter clareza de que o processo da sala de aula, em sua disciplina, não deve ser meramente de circulação de conteúdos, mas sim uma atividade. “O filosofar é uma disciplina no pensamento que ao ser operada vai produzindo filosofia e a filosofia é a própria matéria que gera o filosofar. São indissociáveis. A matéria filosofia separada do ato de filosofar é matéria morta, recheio de livro de estante” (ASPIS, 2004, p. 308). Apenas compreendendo o ensino de filosofia como uma atividade que produz reflexão, que desperta a consciência dos alunos antes de ser mais um conjunto de informações a sedimentar em seus cérebros, é que se pode tomar a Filosofia como algo libertador do senso comum e do ódio.

Hoje, acumulamos complicados processos que emperram a exploração das possibilidades de sermos humanos muito mais do que desenvolvemos uma prática reflexiva na criação de nossas subjetividades dentro de nossa cultura. Não praticamos filosofia no cotidiano. A postura do senso comum com relação ao conhecimento é mais de crença na ideologia da ciência, das tradições, da lógica da indústria que de construção autônoma e crítica de si e do mundo. (ASPIS, 2004, p. 309).

O professor educa seus alunos para que fujam dos modelos pré-estabelecidos de pensamento valendo-se do próprio exercício do pensamento. Ou seja, no laboratório conceitual de uma aula de filosofia, o professor demonstra, no próprio exercício de sua profissão, como a filosofia desconstrói e reconstrói conceitos, reformula ideias e questiona posicionamentos rígidos, como o discurso de ódio. Para Aspis, “assim se aprende a fazer filosofia: fazendo e tendo um modelo de como se faz” (ASPIS, 2004, p. 310).

Numa sociedade que almeja soluções fáceis e que, não raras vezes, encontra no discurso de ódio uma destas soluções, o professor de filosofia é um anti-herói – uma alteridade indesejada e inconveniente – porque seu papel é criar problemas. Problematizar é uma habilidade desenvolvida pela filosofia em tempos de aceitação cega ao que diz a cultura de massa. A Filosofia é o contra-senso do senso comum e a sala de aula é o “espaço singular onde os alunos poderão entrar para ter ali sua

experiência filosófica” (ibidem).

Pode-se dizer, por fim, que o professor de filosofia enquanto uma alteridade para com seus alunos – inserindo a diferença, questionando a mesmidade que circunscreve o pensamento comum – abre a possibilidade para se fazer da escola um espaço ético por excelência. Se aplicarmos a semântica da palavra ética desenvolvida por Levinas no ambiente escolar, temos que os atores desta relação – aluno e professor – no face a face, no encontro de proximidade que deve ser uma aula de filosofar, encontram-se para o diálogo: abertura ao ensino, aprendizagem da sabedoria e do amor. A atuação do professor de filosofia, nesse caso, seria a partir da racionalidade ética como novo lugar do pensar ou, nos dizeres levinasianos, como um pensar outramente as realidades cotidianas.

O cotidiano autoritário brasileiro, pautado no discurso de ódio que alimenta as posições neofascistas, seria não somente objeto de um questionamento formal por parte da Filosofia, mas encontraria, na sala de aula, o protótipo contrário: a possibilidade do diálogo e da superação da ignorância, a experiência da abertura ao outro e da acolhida do diferente. O ensino de Filosofia inspiraria os alunos a buscar outras formas de encarar a realidade, partindo da consideração ao Outro e não somente de seus próprios interesses.

Uma sala de aula de Filosofia pode ser o *experimentum crucis* do des-cobrimento do outro: oportunidade de se ouvir o que é diferente, de se questionar o que é mesmidade, de acolher a alteridade e deixar-se interpelar por ela. O professor de Filosofia, pelos seus métodos e postura filosófica, compreendendo a nova dimensão da sala de aula – dimensão social e política – seria o facilitador deste processo de des-coberta, aquele que retira os véus que encobrem o Outro. Novos discursos são construídos a partir desta dinâmica pedagógica. Discurso que não é inspirado pelo ódio gratuito e irracional, mas porque surge de uma racionalidade – a racionalidade ética – tem sua razoabilidade garantida. Discurso que não se contenta em falar sobre o Outro, mas que deixa o Outro falar ao Mesmo e faz Mesmo e Outro dialogarem. Diá-logos: palavra dividida, compartilhada, não unificada – frágil, vulnerável, aberta. O aspecto monológico do discurso de ódio, que visa afirmar apenas uma visão sobre as coisas, perde sua força: é interrompido pela alteridade.

E se a atenuação do discurso de ódio é a via que pode fazer reflorescer a democracia nas terras brasileiras pela reabertura ao diálogo, o Ensino de Filosofia, conforme pensamos, é um ato democrático que fortalece a democracia e que pode semear futuros cidadãos, mais esclarecidos e menos alienados.

5 | CONCLUSÃO: UMA PEDAGOGIA DA ALTERIDADE PARA INSPIRAR NOVOS TEMPOS

O que pretendeu-se mostrar nesta pesquisa, foi que o ensino de Filosofia,

especialmente na educação básica, pode ser uma mola propulsora de novas atitudes democráticas na sociedade. Ensinar Filosofia denotaria lutar contra o discurso de ódio vigente pela des-coberta do Outro e pela acolhida da sua alteridade como riqueza num contexto plural e diverso como é o da sociedade brasileira.

No entanto, para se chegar à confirmação desta hipótese, fez-se necessário aprofundar no que se entendia por encobrimento do Outro. Partimos da categoria de discurso de ódio como fórmula sintetizadora das atitudes mais recentes no contexto psicopolítico do Brasil. O discurso de ódio revela uma forma de pensar completamente fechada à alteridade, de comportamento rígido, irracional, movido por um afeto que tem sua origem no medo e na insegurança. Por isso, o discurso de ódio não se comporta, formalmente, como linguagem lógica e organizada. Mas apesar de toda a falta de coerência interna, o discurso de ódio não deixa de mover e contagiar mais e mais cidadãos brasileiros que optam por um pensamento radical, excludente, preconceituoso e discriminatório.

Defendemos que esta postura é adotada a partir do momento em que não se permite ao cidadão pensar por si, em que se faz com que ele creia em tudo o que é produzido culturalmente, mesmo que o deixe mais ignorante e menos dono de seu próprio destino. Portanto, um elemento chave da discussão foi a compreensão da burrice como catalisadora do ódio: pessoas burras, não esclarecidas, ignorantes são dominadas pelo afeto. Como afirma Tiburi – a filósofa referência para discutirmos o ódio no discurso durante esta pesquisa – “pensar é urgente, mas o pensamento livre, o pensamento reflexivo não é um valor nos dias atuais” (TIBURI, 2016, p. 56).

Em seguida, procuramos entender como o discurso de ódio se comporta, filosoficamente, como uma negação da alteridade. Recorremos ao pensamento de Emmanuel Levinas, que resgata a Ética como relação do Mesmo ao Outro. Percebemos que a alteridade absoluta e radical do Outro é sempre questionadora da Mesmidade e que, por isso, a atitude de abertura e de diálogo faziam-se imprescindíveis para que a Ética se concretizasse. Os conceitos levinasianos também apontaram para a relação Ética como produtora de um ensino no qual o Outro é sempre mestre do Mesmo, que pode ensinar-lhe desde sua alteridade e que a pedagogia deve abandonar sua retórica para se reforçar como dialógica. A única linguagem não violenta para com o Outro é a linguagem ética que se exprime nos termos da hospitalidade, da acolhida e da responsabilidade do Mesmo ao Outro.

Assim, o pensamento de Levinas fecundou nossa tese de que o ensino de Filosofia deve proporcionar uma experiência ética aos alunos, partindo de uma remodelação da sala de aula como espaço do questionamento, do exercício livre do pensar e da problematização. Neste espaço, o professor de filosofia tem um importante papel de provocador e não de detentor de algum conhecimento. Ele estimula seus alunos a saírem das bolhas de senso comum que se prendem, a fim de por em xeque as formas de pensar pré-estabelecidas. Ademais, a sala de aula assim pensada, se guiaria pela racionalidade ética, na qual o Outro não é alguém a

ser exterminado, mas uma realidade que deve ser considerada e acolhida. O ensino de Filosofia seria a munição para se combater o discurso de ódio, ao exercitar nos alunos a tolerância, a habilidade para o diálogo, a abertura à diferença e, sobretudo, o pensamento crítico.

Acreditamos que pensar as realidades que nos circundam e teorizar sobre elas do lugar que ocupamos – nesse caso, a educação – é uma tarefa da qual não se pode esquivar. A urgência de se denunciar o discurso de ódio e de encontrar antídotos salta aos olhos num momento em que a democracia é frágil e as instituições não dizem mais nada à sociedade. Qualquer discurso messiânico, ainda que violento, pode ter capilaridade numa sociedade que se guia pelas emoções – pelo medo e pela insegurança. O ódio não seria um produto da maldade, mas uma forma de defesa. O conhecimento, portanto, é a arma que destrói o ódio porque abre a possibilidade do diálogo e desmonta as artimanhas defensivas daqueles que querem dominar pela força. E a Filosofia, enquanto amor à sabedoria, não deixa de ser um conhecimento carregado de amor que questiona, mas que também acolhe, levantando uma bandeira de paz em meio a um mundo de guerras.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **The Authoritarian Personality**. Nova York: Harper, 1950.

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de Filosofia: o ensino de Filosofia no Ensino Médio como experiência filosófica. **Cedes**. Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer- Palavras em ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CASARA, Rubens. Apresentação. In: TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2015.

DUSSEL, Enrique. **1492 o encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

HORN, Geraldo Balduino; ARAUJO, Fabiana Muranaka do B. “Educação pela Filosofia” e a construção do currículo no ensino fundamental: perspectivas conflitantes. **Trilhas Filosóficas – UERN**, Natal, ano 2, número 1, jan.-jun. 2009. Disponível em: < <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/view/57>> Acesso em 20 mar. 2018.

LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**: ensaio sobre a exterioridade. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2015.

LOPES, Silmara Aparecida. O ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica. **Crítica Educativa**. Sorocaba, v. 2, n. 2, p. 295-310, jul./dez.2016.

OLIVEIRA, Adriana Vidal de. **A constituição da mulher brasileira**: uma análise dos estereótipos de gênero na Assembleia Constituinte de 1987-1988 e suas consequências no texto institucional. (2012) 465 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://pct.capes.gov.br/teses/2012/31005012020P4/TES.PDF> > Acesso em 20 mar. 2018.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TIBURI, Márcia. **Filosofia prática: ética, vida cotidiana e vida virtual**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

VIMEO. **Guia da ideologia do ódio**. Disponível em <<https://vimeo.com/110715167>>. Acesso em 10 mar. 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 62, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 88

Alteridade 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 69, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Amor 27, 30, 32, 45, 55, 92, 111, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Astronomia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21

Ateliê Conatus 87

C

Comando 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119

Cotidianos 42, 47, 48, 51, 53, 57, 60, 97

Crianças 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 98

Currículos 42, 47, 48, 51, 53, 54, 57, 60

D

Descobrimento 22

Didática 20, 22, 56

Discurso De Ódio 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

E

Educação 13, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 67, 70, 74, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 151, 153

Errância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 53, 60

Escrileituras 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94

Esperança 14, 20, 40, 41, 43, 44, 57, 74, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108

Estado 12, 14, 21, 34, 36, 37, 40, 41, 44, 53, 54, 61, 78, 81, 87, 89, 97, 99, 100, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 142, 150

Ética 21, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 50, 51, 92, 94, 95, 96, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Ético 30, 49, 109, 110, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 137, 138, 139, 140

Existência Humana 11, 13, 17, 18, 79, 123

Experiência 16, 24, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 89, 93, 98, 132, 133, 136, 139, 140, 147, 148, 149, 151

F

Favela 96, 98

Fenomenologia 83, 84, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Filosofia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 74, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 102, 106, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150

Filosofia Com Crianças 34, 37, 39

I

Indústria Cultural 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152

Infância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 53, 60, 80, 84

Infinito 32, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 130, 135, 137, 138, 139, 140

Interdisciplinaridade 6, 11, 14, 17, 20

J

Justiça 81, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

L

Lévinas 24, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 140

liberdade 18, 34, 40, 42, 44, 59, 68, 72, 92, 94, 101, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 150

Liberdade 44, 57, 108, 130

M

Medo 18, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 56, 60, 65, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 146

N

Novas Mídias 142, 143, 149

O

ONG 7, 96, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108

P

Poesia 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Política 13, 24, 28, 30, 98, 102, 114, 118, 142, 146, 150, 151

S

Subjetividade 25, 28, 29, 49, 61, 82, 83, 85, 96, 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122,

123, 124, 125, 130

T

Transcendência 110, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 135, 140

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-683-6

